

O MODO DE PENSAR E DE SER INDÍGENA, EM OPOSIÇÃO AO MODO DE PENSAR HEGEMÔNICO: IDENTIDADE, ANCESTRALIDADE E PERTENCIMENTO

Ângelo de Oliveira França¹; Laurênio Leite Sombra²;

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

angelo_kaimbe@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade, identidade, ancestralidade e eurocentrismo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma culminância de vários momentos de luta e de resistência, como indígena do povo Kaimbé e também como representante de uma luta mais ampla no que diz respeito às questões indígenas em geral. Na minha trajetória na universidade e em outros momentos de minha vida percebo que há uma incompreensão muito grande com relação à ideia da questão indígena, principalmente com relação à identidade dos diversos povos em geral. Quando se fala em indígenas, geralmente podem surgir incoerências sobre o modo de ser dos diversos povos, sua forma de se organizar e etc. Desde a minha chegada à universidade venho lutando para desconstruir alguns estereótipos que são bastante utilizados para se falar dos povos indígenas, como a ideia de que todos têm um padrão específico, como a questão da coloração da pele, dos olhos puxados e que só fazemos pescar. É angustiante viver nessa situação, por isso busquei através desse trabalho mostrar como isso foi construído ao longo do tempo. Isso será feito através de estudos sobre esses povos em relação à lógica capitalista e assimilacionista que tiveram que seguir, de forma parcial ou total.

O problema filosófico que investigaremos aqui é a questão da *identidade* em um primeiro momento e, como desdobramento dele, o problema da *identidade indígena*. Para essa análise, utilizaremos dois autores principais: Laurenio Sombra, principalmente os artigos “Identidade dos Sujeitos: linguagem, constituição dos sentidos e valor” e “o Escândalo da política brasileira: o sentido da desigualdade”. E Anibal Quijano, com o artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e America Latina”. É através de uma estrutura construída nessas leituras que podemos ir mais afundo na questão da identidade dos sujeitos e depois da identidade indígena.

Partindo desses pontos supracitados, chegamos a uma das partes principais da investigação que toca principalmente na hierarquia de poder e nas relações de antagonismo. Este último, que aparece quando não há uma aceitação por parte do sujeito da rede de sentidos do outro. Nessas relações, é possível se perceber uma série de fatores importantes, como, por exemplo, as relações de submissão e dominação, aceitação parcial ou total da rede do outro, bem como negociação e enfrentamento. Dentre essas possibilidades, é possível se discorrer sobre as relações de resistência e alteridade que são construídas nesse processo, importantes para se falar da identidade indígena.

METODOLOGIA

O problema proposto foi desenvolvido da seguinte forma. Primeiro analisamos o conceito de *rede de sentidos* em Sombra: como os sujeitos atuam dentro dessa rede, como se afetam e como nela as relações de negociações e enfrentamentos começam a dar seus primeiros sinais. A partir disso, analisamos alguns pontos que fazem ligação

com a ideia de rede, como os *signos* estão presentes na mesma, qual a função deles. Outro ponto importante também foi o desenvolvimento da ideia de *atributos*. A partir desse ponto, começamos a nos debruçar mais profundamente sobre o problema, tendo em vista que os atributos apresentam em si uma relação complexa de hierarquia, atribuindo aos povos dominados qualidades negativas ou que não os representam em sua completude e diversidade.

Para além dessas questões, é importante destacar a importância dos *sujeitos* na constituição da rede, sejam sujeitos individuais ou coletivos. No nosso caso específico, daremos um enfoque maior aos sujeitos coletivos. Nesse contexto, também nos debruçaremos sobre as hierarquias dos sujeitos. Depois dessa costura feita, analisamos o conceito de *antagonismo*, pois ele é fundamental à investigação. É através dele que podemos perceber o quanto há de diferença entre o modo do dominado e do conquistador pensar e sentir. As relações de antagonismo se apresentam por uma cisão entre os dois modos distintos de compreensão. Através desse aspecto, começam a acontecer os processos de dominação e submissão, sejam estes por completos ou de forma parcial. O antagonismo também enseja processos de *negociação de sentidos*, no entanto, nem todos possuem o mesmo poder de realizá-la. Nos processos de negociação, um grupo é afetado pelo outro no sentido de se adotar práticas ou modos de viver em sociedade anteriormente ignorados, mas que a partir de determinado momento passam a ser comuns. Nesse contexto, os dois grupos se transformam, mesmo que um em menor proporção que o outro.

Depois dessa primeira parte, que é desenvolvida principalmente através dos artigos de Sombra, aprofundamos a questão indígena, tendo como base os estudos de Quijano. Nele, será mostrado o conceito de *colonialidade do poder* e como ela articula questões associadas a identidade, epistemologia e prática econômica. A tarefa se constitui em apresentar como esses fatores são importantes para falar do problema da identidade indígena, qual o seu vínculo com as relações antagônicas vividas pelos povos indígenas. Assim como a resistência e as relações de alteridade presentes desde a conquista até agora, essas relações serão determinantes na construção de uma ideia bem estruturada sobre identidade indígena. Esse é o caminho que percorreremos, sem deixar de lado as experiências e vivências enquanto indígena.

DISCUSSÃO

Na investigação desenvolvida, foi importante entender como o conceito de *rede de sentidos* de Sombra atua. Este é muito importante, pois através da análise dos elementos que estão presentes no mesmo, podemos compreender a forma como cada signo atua, relações de antagonismo de um sujeito para com o outro. A partir disso, foi feita uma primeira investigação sobre a questão da identidade e, posteriormente, realizada uma articulação com a ideia de *colonialidade do poder*, de Quijano. Esta traz consigo muitas questões importantes, inclusive reforçando o desenvolvimento anterior sobre atributos e identidade do sujeito, além de apontar concretamente para o contexto da conquista latino-americana, em que se constituiu uma forma de pensamento e sensibilidade dominantes, inferiorizando as outras possibilidades, inclusive a indígena.

Não podemos deixar de apontar para um ponto importante que é uma primeira tentativa de articulação entre identidade, alteridade e diferença. Essas relações estão presentes nos artigos de Sombra. No entanto, elas se apresentam mais fortes no ponto em que se fala de antagonismo. As relações de antagonismos são importantes, pois através delas é que se efetiva a tratativa sobre a diferença. Isso na medida em que são as diferenças que as caracterizam. As diferentes formas de ser acabam por gerar um desconforto no outro. É a partir da reação a esse desconforto que podemos perceber o

antagonismo se efetivando. Nesse sentido, os sujeitos afetam e são afetados. No entanto, se sabe que para negociar sentidos é necessário que os grupos ou sujeitos sociais estejam em certa condição de igualdade, pois, quando não estão, uma rede pode se sobressair de maneira determinante sobre a outra. Então, nesses casos, a negociação de sentidos fica fragilizada para um lado, embora não deixe de acontecer. Uma determinada rede acaba por sobrepujar a outra e assim impõe seus valores como necessários e com grau de importância maior. Nesse caso, a questão da identidade específica perde força, uma vez que acaba surgindo daí uma visão dominante sobre como se organiza a vida em comunidade e os valores em geral. A partir do antagonismo, sujeitos que possuem redes de sentidos diferentes conseguem alcançar uma possibilidade de transformação social, numa tentativa de conciliação ou superação da rede de sentidos antagônica. Para que haja essa possibilidade de superação, os grupos afetados por essa rede antagônica lutam para que as suas formas de organização sejam reconhecidas e valorizadas.

Todos os pontos desenvolvidos acerca do problema da identidade pressupõem hierarquias valorativas intensas. Elas se apresentam de diversas formas, como podemos constatar até aqui. Podem ser através de uma ideia inicial de raça, ou pelo menos de uma prática que defina as diversas formas dos povos serem tratados, e depois se constitui como algo mais concreto, através da desvalorização e da submissão de alguns grupos. Ou pode ser sobre aspectos da negociação de sentidos presentes nesse processo. Tudo isso tendo como parâmetro a ideia de que as identidades são negociáveis e que partilham símbolos e sentidos de forma constante, seja em pequena ou larga escala. As diferentes formas de entender o mundo ao qual estamos, numa lógica organizacional, cultural e política distinta, configuram o *antagonismo*. Essa relação está presente como um incômodo, algo que deve ser superado ou negociado de alguma forma. As relações de antagonismo estão presentes desde o início do processo de colonização e estão agora também, no contexto da ainda vigente colonialidade do poder. Isso é vivido na prática pelos grupos menos favorecidos economicamente e que com isso são impossibilitados de estarem em alguns meios onde é exclusiva a participação de quem tem um poder econômico e/ou simbólico elevado.

Quando voltamos às questões centrais sobre identidade, e principalmente sobre o problema da identidade indígena, é preciso que respondamos alguns aspectos que lhes são próprios. Quando se fala em identidade indígena, não se pode desprezar a ideia de que a mesma foi construída ao longo de um processo histórico de trocas, de apropriação, submissão negociação, enfrentamento e principalmente resistência. Todos esses pontos destacados aqui são importantes para se ter uma ideia de como o processo de "modernização" foi complexo e imerso de complexas relações de poder e antagonismo. A identidade indígena hoje é formulada não por estereótipos, mas como resultado de todo esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia, como umas das grandes áreas do conhecimento, não pode estar distante da realidade que nos circunda. Nesse aspecto senti a necessidade, enquanto estudante indígena, de falar sobre a que estão da identidade indígena. Como é algo novo dentro da Filosofia, senti algumas dificuldades. No entanto, encontrei a possibilidade de fazer essas investigação através dão conceito de *rede de sentidos*, de Sombra, e de colonialidade do poder, de Quijano. Através desses conceitos presentes em obras desses autores, além de uma leitura política sobre as questões indígenas, foi desenvolvido esse trabalho, que serve como um sinal de resistência dos povos indígenas.

É importante destacar que mesmo com esse teor de militância, esse trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa de filosofia e, para isso, utilizamos o método de

leitura, escrita e desenvolvimento de conceitos importantes, como, identidade, identidade indígena, antagonismo, alteridade, dentre outros. O resultado é uma busca constante por reconhecimento e valorização da tradição indígena.

REFERÊNCIAS

SOMBRA, Laurenio Leite. “Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor”. In: *Revista Sísifo*. Feira de Santana-BA, v. 1, n. 1, 2015a.

“O escândalo da política brasileira: o sentido da desigualdade”. In: *Revista Ideação*, 32, Julho/Dezembro 2015. Feira de Santana-BA, pp 55-99.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e a América Latina*. Ed: CLASCO, Buenos Aires, 2005.

_____. *Colonialidade e modernidade-Racionalidade*. Ed: HUCITEC, São Paulo, 2006.